

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

O rei artista

As comemorações de 300 anos do nascimento do rei Frederico, o Grande, e o sinal verde para a reconstrução do Berliner Schloss no centro da capital vêm trazendo símbolos da monarquia de volta ao centro das atenções. A Humboldt Box, uma construção provisória no espaço que abrigará o novo-velho castelo, informa sobre o projeto e busca doações. Este terreno já viu subir e cair diversos governos nos últimos séculos. Construído pela primeira vez no século XV, o Castelo se expandiu e no início do século XVIII contava com 1.210 aposentos. E foi ali que o rei mais querido da Alemanha, Frederico II da Prússia, nasceu em 24 de janeiro de 1712.

A Alemanha não tem mais rei e nem rainha, mas ainda existem famílias nobres morando em seus palácios. Hoje em dia, alemães de famílias nobres, em geral, levam a vida de forma discreta, investindo em fundações e apadrinhando obras de caridade. Pode-se contar nos dedos os nobres que aparecem envolvidos em escândalos na mídia. O ex-duque de Braunschweig e Lüneburg, por exemplo, que se tornou príncipe após se casar com Caroline de Mônaco, é um deles. Ele já bateu em fotógrafos e foi preso dirigindo bêbado mais de uma vez. Mas o maior mico de todos foi ter sido pego urinando na parede do pavilhão turco na Expo 2000.

Ao mesmo tempo que comemoram os grandes do passado, os alemães andam em crise com os seus líderes atuais. Ainda no início de 2011, o caso do ex-ministro da Economia e da Defesa, Karl-Theodor zu Guttenberg, ele mesmo de família nobre, como o “zu” no seu nome indica, deu o que falar. Guttenberg cometeu plágio acadêmico. Sua tese de doutorado continha enormes trechos copiados de outros autores. Apesar de a chanceler Angela Merkel ter ficado ao seu lado, teve o título de doutor imediatamente cassado e foi massacrado pela opinião pública. Renunciou ao cargo e acabou se mudando com a família para os Estados Unidos.

Guttenberg sumiu do mapa e uma nova bomba envolvendo o presidente Christian Wulff estourou em dezembro de 2011: mentiras, abuso de influência, uma mensagem comprometedor na secretária-eletrônica do redator-chefe do jornal “Bild” foram causas suficientes para provocar a revolta de muita gente. Angela Merkel defende com unhas e dentes Christian Wulff, que já anunciou que não irá renunciar ao cargo, pois não cometeu nenhum crime. Pelo menos, ainda não se provou nada.

Mesmo em meio à crise do euro e ao escândalo envolvendo o presidente, o aniversariante Frederico II consegue ocupar papel de destaque na imprensa nacional. A era de Frederico II, rei da Prússia (1740-1786), foi marcada pela tolerância religiosa, o que permitiu a vinda de muitos estrangeiros para Berlim. Diz-se que ele foi o primeiro — se não o único — intelectual a subir ao trono na história da Europa. É bem possível que a fama de liberal e internacional que Berlim conquistou venha dessa época.

Frederico II foi um rei especial. Um homem de muitas facetas. Adolescente, ao sentir aproximar-se a obrigação de herdar o trono, tentou fugir para a França, mas o pai o

mandou buscar e o castigou. Frederico Guilherme I, conhecido como o Rei Soldado, confiava no filho para executar o plano da expansão da Prússia. Frederico II tornou-se um grande rei na marra, mas manteve-se fiel aos seus princípios. Além de um bravo guerreiro, era grande apreciador da música e da filosofia. Amava o iluminismo francês. Frederico tocava flauta e era compositor. Deixou em partituras um acervo musical com 121 sonatas para flauta, inúmeros estudos, quatro concertos e duas sinfonias.

Outro mérito de Frederico II foi introduzir o cultivo da batata na Alemanha. Com essa manobra, ele garantiu a sobrevivência dos alemães nos tempos de suas guerras e em guerras posteriores. Hoje em dia não é possível imaginar o cardápio do alemão sem a batata.

Frederico construiu para si um refúgio: o Palácio de Sanssouci (do francês *sans souci*, sem preocupação), na cidade vizinha de Potsdam. Este palácio foi a menina dos olhos do rei. Era lá que ele morava nos meses de verão e recebia amigos como Voltaire, dentre outros. Também foi lá que quis ser enterrado. Nesse palácio era proibida a entrada de mulheres.

Frederico casou-se com a princesa Isabel Cristina de Brunswick-Bevern por ordem do pai. Ele a visitava, formalmente, uma vez por ano. Não tiveram filhos. Os rumores sobre a sua sexualidade oscilam entre ter sido homossexual e celibatário, ou até castrado. Fala-se também de uma possível relação amorosa com Voltaire, mas nada neste sentido foi comprovado. O fato é que mulheres não eram sua paixão nem passatempo.

Frederico II está por toda a parte e será assim o ano todo. A programação cultural em Berlim, em Potsdam e no resto da Alemanha, em 2012, vai girar em torno do “Velho Fritz”, outro de seus apelidos carinhosos. São inúmeros os eventos e projetos em sua homenagem: filmes, documentários, exposições, lançamento de livros e CDs. Ontem mesmo, no badalado evento de música clássica Yellow Lounge, a fachada do clube tecno Berghain transformou-se através de uma projeção no Castelo de Sanssouci. O concerto do violonista Daniel Hope apresentou o disco “Musik aus Sanssouci”, com peças escritas pelo rei e músicos da sua corte. Outro lançamento recente em homenagem ao rei é “Der Flötenkönig” do flautista Emmanuel Pahud, solista da Filarmônica de Berlim. A música era a maior paixão de Frederico II, e com certeza uma maneira de conhecer esse rei artista.

A programação cultural em Berlim, em Potsdam e no resto da Alemanha, em 2012, vai girar em torno do “Velho Fritz”

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso